

Fraternidade São José
Encontro de Responsáveis, por videoconferência
27 de março de 2021

Cantos: *Bello amore*
Canzone di San Giuseppe

Padre Michele

Vamos começar o nosso gesto. Acabamos de celebrar a Solenidade de São José. Também queremos pedir a Ele, no início desta Semana Santa, que o trabalho que vamos fazer juntos esta noite seja útil, assim como todas as celebrações que viveremos juntos, para que possamos ir mais a fundo daquilo que nos aconteceu e que tem como origem justamente o que celebramos nestes dias: a morte de Cristo e a Sua Ressurreição pela nossa salvação. Com o Angelus, peçamos que Nossa Senhora também nos acompanhe dentro desse grande Mistério.

Demos como tema para esta Assembleia a retomada do que aconteceu na Assembleia de outubro com Carrón, com o desejo de nos ajudarmos a ver que caminho isso nos proporcionou, e compartilhá-lo. Naturalmente, sendo um encontro de Responsáveis, esta também é uma ocasião para perguntas, observações, dúvidas ou questões sobre a vida da nossa Fraternidade.

Durante a última Assembleia com Carrón, fiquei impressionada com o convite, pela milésima vez, a verificar na experiência, então comecei a me perguntar o que é a autoridade para mim e se a autoridade tem a ver com a minha vida, se é útil. Conforme os dias passavam, fui percebendo que 25 anos de Movimento não são – felizmente – suficientes para dizer: agora entendi e posso continuar sozinha. Percebi que eu preciso de um ponto para o qual olhar, mas não qualquer ponto. Fiquei muito comovida com a canção de São José, que ouvimos agora, e pensei que é um ponto onde há o sopro do Eterno que me ajuda a respirar. Gostaria de contar dois episódios nos quais ficou mais claro por que eu preciso da autoridade. O primeiro deles, acho que aconteceu com todos, é sobre a confissão. Com a fase vermelha, laranja, e as outras cores, os padres desaparecem, então, quando você encontra uma Igreja onde há confissões, você aproveita a ocasião. Assim, me confessei com um padre que não conhecia. Percebi que diante de algo tão sério como a confissão, a autoridade é ainda mais objetiva. Ou seja, você não precisa conhecer a pessoa que está na sua frente: você pede tudo e ela, porque está pedindo a única coisa que só Deus pode dar, que é o perdão. Ali, percebi quanto eu preciso disso na minha vida, quanto preciso de alguém que me perdoe realmente, que olhe nos meus olhos e me diga a frase que sempre ouvimos depois de cada confissão: “seus pecados estão perdoados”. Fico sempre muito comovida, porque penso: outra vez! Me perdoou outra vez! E, pensando na verificação que Carrón nos convidou a fazer, me veio em mente pela primeira vez aquele episódio do Evangelho em que Jesus diz “os teus pecados estão perdoados”, e os fariseus murmuram entre si: com que autoridade ele faz essas coisas? Quem pode dizer para o outro: “os teus pecados estão perdoados?”.

Você acha que todas as pessoas que foram ali naquele dia se confessar com aquele padre, fizeram essa experiência? Embora não tenhamos conhecimento disso, acho que seria plausível saber.

Provavelmente, não.

Então a autoridade não está ali. O que nos leva a ir até um padre para nos confessarmos é algo que aconteceu e continua acontecendo na nossa vida de um modo tão convincente que se tornou necessário à nossa vida, de modo que, assim que esquecemos disso, sentimos a diferença, a qualidade da vida muda. Se há uma razão pela qual nos movemos e entendemos a profundidade da confissão e a autoridade que o sacerdote tem, é pelo que aconteceu na nossa vida. Senão, não estaríamos ali. Mas não é só isso. Também o modo como você disse que vive a confissão,

que vive o perdão – e poderíamos ir além, porque a própria EdC liga o perdão à existência do povo –, seria apenas um sonho. Para entendermos melhor: a autoridade está implicada num encontro em que verificamos que podemos nos apaixonar pela confissão, ou seja, pela Igreja; e o que verifica isso é um apego maior àquilo que Cristo instituiu como objetivo e como Presença Sua. Tenho certeza de que todos os outros que foram se confessar naquele dia não viveram o que você viveu. Acredito que tenham vivido a confissão de um modo e com uma ênfase diferentes.

O outro episódio me surpreendeu ainda mais. Desde março do ano passado, estou trabalhando em casa, no computador, e sempre estou participando de reuniões, por isso, uso fone de ouvidos e não ouço o que acontece em minha volta. Porém, numa sexta-feira à tarde, milagrosamente não tinha nenhuma reunião marcada. Era a segunda sexta-feira da Quaresma e eu estava trabalhando mal, distraída, não conseguia me concentrar. Ouvi o som dos sinos. Olhei para o relógio e eram 15h. E, ali, me lembrei. Esse fato me despertou, e tive um ponto novo de consciência no dia: parei, rezei o Angelus e voltei a trabalhar com uma atenção diferente. Pensei: o que eu encontrei, que me permite ser despertada e ter uma consciência diferente só por me lembrar do significado daquele som? Pois bem, me pareceu que, quando temos a possibilidade de seguir alguém que nos indica o caminho, a própria realidade pode se tornar autoridade. Não precisamos nos encontrar sempre – também precisamos disso –, mas podemos vislumbrar a presença d'Ele na realidade se estivermos minimamente disponíveis. Gostaria de ler um pequeno trecho para vocês, que encontrei em "O eu renasce em um encontro", de Giussani. Diz: "A autoridade é uma presença deparando-se com a qual você é mais você mesmo, como nunca tinha pensado que poderia ser". Não sei se consigo ligar todas essas coisas, mas entendo que elas têm a ver.

Vamos deixá-las ali, a realidade, a autoridade, para não fazermos viagens teóricas para ligar as coisas. Talvez entendamos melhor com as outras colocações.

Nos últimos anos, estive afetivamente ligada a um homem. Eu o amei, o odiei, fugi dele, o adorei, caí e também fui a mulher mais pura ao lado dele. Como dizia Eliot, sem nunca deixar o caminho. Por causa da circunstância da vacina contra a Covid, esse homem apareceu novamente na minha vida algumas semanas atrás. Minha pergunta a Nosso Senhor foi: o Senhor já não tinha me libertado desse homem? Por que, outra vez, a mesma circunstância? Comecei a pedir ao Senhor que me dissesse por que aquilo estava acontecendo de novo, que ficasse claro. Foi uma novidade muito grande para mim perceber que esse rosto me tirava da casa do Pai. Mas agora percebo que muito antes da presença desse homem, eu já vivia fora da casa do Pai. Eu desperdiçava a graça achando que morava na casa, e a presença desse rosto sempre foi uma misericórdia imensa, pois o Senhor me despertava do meu formalismo. Porque eu fazia tudo achando que estava em casa. Essa foi a primeira misericórdia. A segunda, é que eu reconheço que sinto uma atração muito grande e inexplicável por ele, não pelo físico nem pela idade, mas todo o meu ser é como magnetizado por ele. Seguindo Carrón, que nos diz para não fugir, para não cair, fiquei no meu jardim durante uma hora com ele, pedindo a São Miguel Arcanjo se fizesse presente. Pela primeira vez, nestes 10 anos, pude escutar meu coração, que me dizia: você desperdiça muita energia nessa relação. E seguindo o que meu coração dizia, parei de entrar em contato com ele, mas desta vez de um modo muito diferente, porque sentia uma grande paz. A terceira coisa é que eu achava que tudo já estivesse acertado, mas o texto da EdC me diz que sou feita, que sou desenhada de modo a ser capaz de amar qualquer migalha de verdade presente em qualquer pessoa, com uma atitude positiva e crítica que o mundo não conhece. E quando diz "o mundo", fala de mim, porque eu descobri – com essa frase – que na relação com esse homem sou fariseia, porque sempre pensei que eu era melhor que ele, que ele era o vilão. No entanto, o Senhor me colocou em caminho. Percebo que é um trabalho que me é pedido, e posso ver como esse trabalho me introduziu na realidade e me deixou sedenta da realidade, com o desejo de estar nela. A Divina Providência sempre viu isso de mim. Mas agora eu estou envolvida, estou dentro, através dessa circunstância percebo que aquele rosto que eu odiei foi a maior Misericórdia para com a minha vida. Não foi só um rosto odiado! Estou muito feliz e grata por participar desse

carisma, porque só nesse carisma pude descobrir tantas coisas sobre mim mesma, sem pensar que era um moralismo.

Se você não estivesse tão longe, eu a abraçaria. O que me impressiona, disso que você contou, é como o Senhor não tem medo de arriscar tudo para que você não fique fora de casa acreditando que está em casa. Até que ponto o Senhor está disposto a arriscar nos dá a medida da importância que você tem para Ele. Porque nenhum de nós arriscaria tanto, pelo contrário. Ninguém disse que não estamos lutando com o nosso moralismo para estar diante de alguém da São José que nos conta uma história como essa. E isso, também a reação que podemos ter, nos faz entender ainda mais como o Senhor, ao contrário, mais do que nos deixar no formalismo, arrisca tudo. Porque, quando alguém se apaixona, não é algo que a pessoa provocou, ou foi em busca: é algo que aconteceu. Porque o Senhor permite ou faz acontecer uma coisa assim... como é possível, eu, que sou da São José, consagrada à virgindade, eu que, na minha idade, com as histórias que vivi, que já fechei essa questão, já alcancei a paz dos sentidos, me entreguei totalmente à virgindade..., mas me aconteceu isso. Olhem o que o Senhor está disposto a colocar em jogo, porque é um risco. Quem não entende que é um risco enorme?! Mas significa que, para o Senhor, o que está em jogo é muito mais. Porque sem a sua liberdade, ou seja, sem o seu sim, o Senhor não considera que você esteja na São José, na Igreja, no Movimento. Você não está. E isso vale para todas as vocações. Por isso, lhe agradeço infinitamente por ter compartilhado essa história, porque você também descreveu os passos do escândalo de si, das fraquezas.... Sei como deve ter sido difícil estar diante dos amigos e contar uma história como essa. Mas o ponto que me deixa realmente sem ar é que o Senhor está tão certo do nosso coração, está tão certo do fato que fez acontecer a nós, tão certo de nos ter chamado à virgindade e de ter diante de si filhos criados por Ele, com um coração que Ele nos dá... certo, apostando na nossa liberdade, mas não tendo medo de que possamos não entender o caminho e o porquê desse caminho. Se não está claro, peço a caridade, a lealdade de se colocarem em relação ao que estou dizendo. Essa questão é importante como método, coloca diante de nós um modo de olhar para o outro e de olhar para a história de cada um que não devemos desperdiçar, porque nos obriga a olhar para o outro por aquilo que é, ou seja, um Mistério em diálogo com Deus. Cada um de nós tem em si um Misterioso diálogo, profundo, com o Senhor. E se não nos olhamos assim, se não nos ajudamos assim, se não nos acompanhamos assim, não somos autoridade uns para os outros! É o oposto. Porque a autoridade é aquele que sabe olhar com uma atitude crítica que valoriza tudo, ou seja, parte desse reconhecimento, e não do pensamento de que o que eu penso seja o certo para a vida do outro. Pelo contrário, a autoridade está atenta a entender o que o Senhor está me mostrando na vida do outro, a mim que, talvez, não seja tão leal, tão humilde a ponto de poder ser corrigido, ajudado de outra maneira. Dom Giussani dizia uma coisa que, para mim, é chocante, uma coisa que tenho dificuldade de repetir de tão distante que é, porque a sinto como um juízo sobre a minha mesquinhez. Ele dizia que normalmente o Senhor deixa alguém que está próximo do nós errar para nos corrigir, porque somos muito orgulhosos para nos deixar corrigir. É uma coisa do outro mundo, entendem? Então, eu peço: reajam, perguntem, façam observações.

Não entendi como o Senhor se arrisca conosco. Sinto que esse é um passo importante e não quero perdê-lo. Ele está tão certo do nosso coração, do encontro que nos aconteceu a ponto de nos fazer passar até por esse escândalo, que para o mundo é normal, mas para nós, o apaixonar-se, ou a nossa fraqueza, é um escândalo.

A paixão não é uma fraqueza. Apaixonar-se é algo divino. A paixão é o ímã, que ela descreveu bem, pelo qual somos atraídos porque reconhecemos uma beleza que só pode ser divina, senão não poderemos compreender como somos magnetizados desse modo, como o nosso coração pode se sentir tão inteiramente tomado. Se vocês já se apaixonaram, entendem o que estou dizendo. Inteiramente tomado. Em outras situações, a paixão é dada para iniciar uma vocação que leva ao matrimônio, ou seja, a uma história na qual você se joga inteiro. Quando falo com os jovens sobre o casamento, digo: vocês percebem que há uma desproporção que não poderia ser explicada de outro modo! Por mais bonita que seja, por boa que seja, por excelente que seja a mulher por quem você se apaixonou, não pode valer tudo aquilo que você está disposto a colocar

em jogo. Por ela, você está disposto a colocar em jogo toda a sua esperança de vida, presente e futura, quase dizendo: você vai manter a promessa de felicidade que provoca em mim. Isso acontece quando duas pessoas se apaixonam, e eu sempre disse aos jovens: tentem inverter a situação e pensem que o outro está olhando para vocês da mesma maneira, está olhando para vocês dizendo: você vai manter toda a esperança de felicidade, de plenitude e de realização por toda a minha vida, não é verdade? Porque eu estou arriscando tudo por você. Quem responderia sim? Todos fugiriam, porque entendem que a pessoa não é capaz de manter a atração, a esperança de felicidade e de beleza que provoca no outro. Então, ou esse é o maior engano da história, e normalmente é vivido assim, ou há algo que não encaixa. E encaixa só com Cristo; esse é o modo com o qual Cristo nos chama a Si no matrimônio. Quer dizer, é Ele que realiza a beleza, a plenitude, a esperança de felicidade que suscita em você através da outra pessoa por quem Ele fez você se apaixonar. Isso pode ser engraçado, mas é como se alguém dissesse: Senhor, eu entendo que essa mulher é o caminho que me dá para ir a Ti. És Tu a realização da minha felicidade, mas como faço para entender qual é a mulher que me dá? E, aí, Deus diz: olha, esse é o último dos seus problemas, porque eu me faço belo em uma mulher, e você reconhecerá imediatamente. É o que acontece quando nos apaixonamos. Então, a pergunta é: por que isso acontece com alguém que já vive uma definitividade na virgindade? Por que fazes com que eu viva essa atração tão forte? Nesse momento surge, de acordo com a história de cada um, de acordo com quão moralista cada um é, mas eu diria, também, da graça de viver o Movimento, pode surgir a ideia: como posso me salvar dele, ele é o demônio, este homem me afasta de Deus. E, então, tento resistir. Então, tento reprimir. Então não nos vemos mais, assim resolvemos o problema. Elimino. Onde o “eliminar” depende da sua força de vontade, mas é como arrancar um braço. Isso é uma censura de si e da própria humanidade, com a ilusão de que o que os olhos não veem o coração não sente. Mas é uma ilusão, porque isso tem um custo altíssimo do ponto de vista humano. Significa reprimir toda a própria afetividade. Qualquer tentativa afetiva deve ser apagada com ácido, porque eu preciso resistir, preciso me tornar o mais frio possível diante daquela coisa ali, senão, estou perdido. Os mais velhos entre nós talvez se lembrem da história de “O pequeno Sr. Friedemann”. Dom Giussani sempre citava esse homem corcunda, que durante a sua vida construiu uma barreira para nunca se apaixonar, para não cair, porque sendo tão feio... mas, uma noite, bastou o perfume de uma mulher e tudo foi por terra. Tudo o que tinha construído durante a vida desmoronou em um instante: ajoelha-se, e se declara. Ela vai embora zombando dele, que cai e morre afogado em um charco. Morremos, simbolicamente evidentemente. A tentativa de eliminar não é humana, no entanto, às vezes nos parece a única solução diante de uma história como essa. Ou, resisto como posso, mas, depois, eu cedo, e fico num vai e vem: se me aproximo, cedo, se me afasto, viro um “recalcado”. Não existe outro caminho? Existe! E é exatamente a sua vocação. Chama-se virgindade. Um amor apaixonado pelo destino do outro, numa posse que tem dentro, como diz Dom Giussani, um passo atrás. Ou seja, finalmente o Senhor diz: agora vamos dar um passo adiante na virgindade, porque até hoje talvez você tenha amado a humanidade de modo virginal, mas agora vou fazer você se apaixonar pelo destino verdadeiro de uma pessoa. E assim – me desculpem, vou me colocar por um instante no lugar de Deus –, digo: Eu sei como é arriscado, sei quanto você é frágil, sei que é um perigo, mas, para que você, ou não viva a virgindade, ou não a viva achando que a está vivendo, ou fique ali formalmente, como dentro de uma caixa, e não se apaixone por nada e por ninguém – mas Eu te fiz para ser feliz –, prefiro correr o risco de te fazer sentir novamente o desejo amoroso, para que você o viva virginalmente. Eu sei, estou arriscando, mas é ainda mais arriscado que você fique aqui apagado, como o irmão mais velho do filho pródigo, que estava em casa, mas tinha o coração em outro lugar, cheio de raiva. Por isso, digo: até que ponto o Senhor está disposto a arriscar para nos arrancar do nosso buraco de formalismo e de aridez, de obriedade, porque tenho certeza de que, a partir daquele momento, além de ver renascer o afeto por ele, com toda a luta que você relatou e que durou anos, cada passo tornou-se uma súplica ao Senhor! Porém, podemos não ser leais – e quantas vezes isso acontece – entre nós. Não ser leal é dizer que eu não quero travar essa luta, não quero viver o amor pelo outro de modo virginal. Mas eu também posso eliminar, ou seja, não vê-lo mais. Mas é completamente um outro mundo, por amor a ele. Pelo seu bem, pela minha felicidade e pela dele, não porque tenho medo da tentação e da minha fraqueza, mas para afirmar uma plenitude que eu vivo, que desejo e peço, e para que ele também possa encontrar o seu caminho e não ficar preso a mim. Por amor a ele, não respondo à sua

mensagem, ao seu telefonema; um amor que custa lágrimas, mas isso é a virgindade. É um outro mundo. Garanto a vocês que pela expressão se vê a diferença entre uma recalcada e uma virgem, a cem metros de distância.

Eu também fiquei muito marcada pela insistência no método, ou seja, a comparação dentro da experiência. É dentro da experiência que posso perceber o que é autoridade para mim. Pensei muito sobre isso, porque de imediato, eu disse: sim, há o Papa, Carrón, o padre Michele, e também é bom que seja assim. Mas a insistência sobre o coração me fez dizer que, no fundo, é conveniente estar há tantos anos no Movimento. Posso seguir pessoas extraordinárias e aprender a ter um olhar sobre a realidade, posso viver essa fase do Coronavírus com apelos que ninguém na Igreja e no mundo fez: é conveniente e também é bom que seja conveniente para a vida. Porém, para mim, no fundo, uma coisa assim não basta. Há três semanas, no grupo das Obras Sociais, me pediram para falar um pouco sobre o meu trabalho, porém, do ponto de vista da organização, não tanto como um testemunho para os jovens. Falei sobre o grande caminho que fiz por estar dentro de uma história, falei da CdO, das Obras, e que, por isso, é conveniente seguir. Depois, li a carta apostólica sobre São José, “Patris Corde”.

Ela é comovente. Fiquei muito impressionada com o terceiro ponto que é: “Pai na obediência”. O Papa Francisco enfatiza muito e repetidamente o fato de que São José obedece sem hesitação. Diz que a sua resposta foi imediata, não hesitou em obedecer, sem fazer perguntas, sem vacilar. Ou seja, obedeceu de imediato. Então, me parece que se apaixonar seja a mesma coisa. Depois vou dar um exemplo que ajudou a deixar isso mais claro para mim. Acho que nós obedecemos quando nos apaixonamos, não é algo que eu preciso fazer. Tanto é verdade que José obedece de imediato. Nossa Senhora também diz sim imediatamente, sem saber o que aconteceria, então, a conveniência é como uma consequência do estar dentro de um método, mas essa não é a razão pela qual obedecemos. Vou dar um exemplo, porque me ajudou a entender. Aconteceu uns dez dias atrás, aqui na Romênia. No fim da EdC, uma de nós, uma italiana bastante jovem que chegou há pouco tempo, disse que havia alguns problemas para a Via Sacra deste ano: não tinham conseguido organizá-la, então, quem quisesse ajudá-la na organização poderia entrar em contato durante a semana, porque havia pressa em fazer as coisas. Imediatamente eu disse que sim, sem pensar a respeito. Mas por que eu disse sim? Porque a Via Sacra, pelo modo como a fazemos, sempre foi uma grande experiência para mim, a experiência de um Acontecimento. E, de imediato, não pensei que se tratava de uma pessoa que acabara de chegar, o sim brotou do meu coração. Então, me parece que a obediência tem a ver justamente com o estar apaixonado, não é algo que devemos fazer porque nos convém. Se você está dentro desse grande amor, depois, também se torna uma conveniência.

Perfeito. Concorro. Quando Cristo faz a pergunta a Pedro, a resposta dele é: “Senhor, para onde iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna”. Só Tu tens palavras que explicam a vida. É claro que há nisso uma conveniência, mas por causa de um laço, de um afeto, da memória de uma história, por causa do que aconteceu entre eles, que é algo reconhecido. Por isso. Só para que o termo paixão não deixe em nós o equívoco de ser um sentimento vago, mas o reconhecimento do que aconteceu entre nós. E a conveniência é a verificação disso, é como a reafirmação disso. Uma mulher não fica com um homem – espero – por causa das rosas que ele lhe manda, pela conveniência, mas todas as vezes que recebe as rosas ela tem uma confirmação, e isso aprofunda o relacionamento. A obediência floresce dentro desse laço – a palavra paixão me agrada muito mais, mas é só para tirar a ideia de um encantamento –, por aquilo aconteceu entre nós. E o que aconteceu entre nós é que o Senhor me escolheu, me quer, me deseja, me inventou, me criou e continua me criando e me desejando. Mas não só isso, Ele me disse: eu te amo de um modo especial para que você faça a experiência que eu, fazendo-me carne, fiz e faço, de um amor totalmente gratuito, que é a virgindade, que é para o bem de todos. Isso aconteceu entre nós. Quando alguém faz experiência disso, diz: para onde irei? Não quero perder isso nem morto. Diga-me o que devo fazer e eu topo, eu faço. São José, de quem eu gosto muito, é assim, porque sempre nos parece que São José, e todos os santos, sejam pessoas que ficam calculando: é o meu dever, não é o meu dever, 50 e 50... tudo bem, então, heroicamente vou escolher aquilo que

Deus me pede. Pelo contrário, é por um fascínio, um fascínio ao qual eu posso resistir, mas é dentro desse laço, dessa história que o Senhor me faz dar os passos.

Confesso que na Assembleia com Carrón do ano passado, não cheguei preparada. Trabalho na Secretaria de uma escola e acompanho muitos alunos. O ano passado foi muito difícil para todos, por causa da pandemia. Trabalhamos todos muito mal e, além disso, o Ministério da Educação complicou muito o nosso trabalho. Então, eu disse: não vou me colocar, com que autoridade posso falar? Porém, conforme eu escutava as colocações dos amigos, percebia que havia um aspecto da autoridade que eu nunca tinha tido presente. Carrón insistiu muito sobre o fato de que a autoridade está dentro da realidade, é a realidade. Há pessoas no Ministério da Educação com quem trabalho muito de perto há algum tempo. O Ministério implementou um sistema de informática que não funciona, que complica com solicitações impossíveis de responder nos prazos estabelecidos. É de causar um enfarto. Dois dias antes de terminar um dos prazos, rezei um Veni Sancte Spiritus e liguei para a pessoa que estava recebendo os documentos. Expliquei os meus problemas e pedi que prorrogasse o prazo até a sexta-feira porque senão eu não conseguiria mandar os documentos. Para minha surpresa, ele respondeu: só porque é você, porque eu te conheço e sei da seriedade com que trabalha, posso esperar até a próxima quarta-feira. O céu se abriu para mim e agradei a todos os santos. Então, comecei a bater de porta em porta e se alguém respondia que não podia me ajudar, procurava outra pessoa, telefonava. Assim, no fim, os trabalhos foram concluídos e consegui entregar no prazo. Quando estávamos terminando tudo, eu disse à secretária que trabalha comigo que aquilo era incrível, que eu não sabia como tínhamos conseguido fazer tudo, e ela me respondeu que admirava a tenacidade com que eu tinha me agarrado a Deus durante todo esse tempo, porque tinha me ouvido invocá-Lo de todos os modos: Vem, Senhor Jesus; filho de Davi, tem piedade de mim; Mãe do Verbo eterno, não me abandone; Vem, Senhor, senta-te perto de mim. “Você O invocou de todos os modos possíveis e era impossível que não te ouvisse. Gostaria de ter um grãozinho da fé que você, que vocês têm”. É claro que eu disse tudo isso, mas no meio de palavras, do caos, em espanhol, em guarani, em italiano! Quando me dei conta disso, vi que realmente é na realidade que aprendemos e que percebemos as coisas, e quando comecei a pedir ajuda às pessoas, me perguntei: onde eu aprendo isso? Na São José! Durante todo o ano, a cada 15 dias nos encontramos com os amigos e, para mim, é como um para-raios. É na São José que aprendo a pedir ajuda e a não parar nos meus limites.

Tenho uma pergunta. O que tocou a sua amiga?

Ela me disse que durante todo o tempo me viu entregar ao Senhor com uma tenacidade que fez com que eu não parasse.

Portanto o que a tocou aconteceu antes da história ter terminado bem.

Nós, normalmente corremos o risco de esperar que a história termine bem para dizer que Deus interveio, enquanto ela não precisou que a história terminasse para reconhecer que Deus estava agindo, que havia uma diversidade diante dela. Porque nem sempre “a história” termina bem. Mas o que acontece, e que nós corremos o risco de não perceber, enquanto os outros percebem, é o que você contou e que a sua colega viu. Precisamos estar atentos, porque isso passa despercebido aos nossos olhos e, no entanto, acontece em nós. Isso é mais convincente do que a história ter terminado bem! É impressionante, mas nós passamos por cima. E se acaba mal – mal significa se ela não tivesse conseguido entregar as coisas a tempo –, então, certamente, nos sentimos traídos. Cada um pode aplicar isso às próprias coisas. Porém, a colega não precisou esperar que terminasse bem: havia algo diferente, que não era possível explicar, e que a tocou, mesmo no meio das irritações e dos palavrões em guarani. Nós carregamos essa diversidade. Precisamos nos ajudar a perceber isso. Que é a mesma coisa que Jesus diz: vocês estão contentes pelo sucesso que obtiveram e não porque seus nomes estão escritos nos céus, porque a vida de vocês foi tomada. Antes mesmo de terminar bem!

Fiquei muito marcado quando Carrón insistiu sobre a questão da experiência da verificação. Neste período, tentei verificar o que ele disse e percebi que, se estamos atentos, é impossível não fazer a verificação, quer dizer, podemos fingir que não verificamos. Podemos fingir que não percebemos, mas percebemos, sentimos. Mesmo quando retenho alguns elementos do cristianismo, que são mais convenientes para o momento, no fim, verifico uma insatisfação. Simultaneamente a isso, aconteceram muitos milagres que me deixaram muito feliz e grato por ser utilizado assim pelo Mistério. Dou dois exemplos. Sou psicólogo. Pouco tempo atrás, me procurou uma pessoa que queria se suicidar. Em pouquíssimo tempo, ela renasceu para a vida, mudou os pensamentos, resolveu mudar de casa, se reanimou em relação a muitas coisas na sua vida. Senti-me útil. Depois, atendi crianças que não conseguiam brincar, que destruíam tudo e, em pouco tempo, pelo menos na minha sala, começaram a brincar como todas as outras crianças, fazendo carinho nas bonecas e coisas assim; muito impressionante. Apesar de tudo, basta um nada, basta que não aconteça algo que tenho na cabeça e é o fim do mundo para mim. Eu me coloco num canto e não sei como sair dali. Essa é um pouco a questão da autoridade. Porém, Carrón nos disse para fazer a verificação: a autoridade é necessária ou não. Ultimamente, tenho chamado muitas pessoas do meu trabalho que considero competentes, inclusive ateus, para conversar, para trocar ideias sobre isso. Na verdade, também consultei um amigo da São José que trabalha com isso há muito mais tempo que eu. Vi que esse modo de agir me alivia, de duas maneiras. Um: quando não acontece o que eu tenho na cabeça, isso não se torna mais uma pedra gigante caindo na minha cabeça, mas um caminho para me comunicar algo de outro. Esse diálogo, essa conversa, não é algo que diz respeito apenas a mim, mas é algo mais amplo. Há uma abertura, eu sou feito, mas quando eu me fecho, isso se traduz numa insatisfação. A outra coisa é: mais letícia na letícia, quer dizer, quando acontecem coisas bonitas é muito bom poder compartilhá-las. Então, a verificação da experiência, seguir a autoridade que indica um caminho, me levou a valorizar os milagres. Porque eu sempre reconheci os milagres, mas, ultimamente, parava na superfície, dizendo: que bonito! E, no fim, admirava a superfície, e só. Enquanto, agora, tem se tornado cada vez mais um sinal que preciso compartilhar com outras pessoas.

Fico impressionado com uma coisa – vocês disseram muitas, mas enfatizo uma que me toca: “Não sei como sair dali”. Isso é interessante, porque não é verdade que nós não sabemos como sair dali. Podemos sair justamente graças à autoridade. Precisamos apenas decidir fazer isso. Vou dizer de outro modo: João e André, depois daquele dia, estavam na casa deles, fechados em sua vida familiar, nos seus problemas de trabalho, nas angústias diárias – tudo o que acontece conosco –, e sabiam como sair daquilo: pegavam e iam atrás d’Ele, exatamente como você fez. Porque aconteceu algo. Se não tivesse acontecido nada antes, quem você iria procurar? Onde teria a esperança de encontrar? Digo isso também para eliminar o pensamento de que o Senhor deva fazer não sei o quê para nos tirar dali. Embora, às vezes, Ele o faça. Ele tem piedade de nós e vem nos encontrar nos nossos buracos, nas nossas tocas. Porém, quando achamos que não podemos fazer nada... mas nós carregamos aquilo que nos aconteceu! João e André também carregavam, e por isso sabiam onde procurar por Ele. E, realmente, pelo que Carrón disse, quando estamos diante dos desafios do trabalho, neste caso, das falhas, dos momentos difíceis, começamos a procurar. Pegamos o telefone, e ligamos. E não procuramos qualquer um, procuramos com um critério, que é o mesmo com que fazemos a verificação. Procuramos avaliando o que nos ajuda e o que não nos ajuda. Procuramos justamente quem pode nos colocar numa posição que nos faça respirar dentro do nosso problema, e não há perigo de errarmos. Podemos ouvir duzentas mil pessoas, mas não há perigo de errarmos. Nós reconhecemos a voz d’Ele imediatamente, porque nos faz respirar.

Acho que ficaram mais claras duas coisas que Carrón disse. Vou contar como. Ultimamente tenho sido procurada por duas ex-alunas e quando nos falamos ao telefone ou nos encontramos, me envolvem nas coisas que estão vivendo. Uma se tornou uma mulher de carreira, de sucesso, e, então, me envolve nas problemáticas das suas escolhas; a outra, me envolve nos problemas de família. Quase sempre, fico muito assustada. Porque, se quando era jovem tinha mais arrogância, com o passar dos anos cresceu a sensação de inadequação, de realismo. Sobretudo quando cresce a afeição pelo outro. Mas, falando com uma delas, percebi uma mudança de método.

Agora, quando falo, parto da minha experiência e digo como é para mim, a partir das coisas que vivo, e deixo a resposta aberta. Porque quem está na minha frente precisa verificar, assim como nós. Por que digo que, para mim, essa foi uma mudança de método de 360°? Porque, em primeiro lugar, sempre tive a pretensão de dizer a coisa certa e de modo adequado. Segundo, sempre tive a pretensão de que o outro seguisse aquilo que para mim é evidente, a priori. E por que isso? Porque tinha medo de perdê-lo e então tentava convencê-lo de algum modo. Depois, quando ouvi Carrón dizer “não tenho nada para defender, só tenho que compartilhar com vocês o que é necessário para eu viver”, para mim foi uma experiência de libertação.

Me desculpe, gostaria de falar algo sobre isso, porque é muito claro para todos o que significa que nós sabemos sugerir o caminho aos outros, porque é evidente para nós qual é o caminho bom, o certo, o verdadeiro. O que é que não temos presente? O caminho que tivemos que fazer para que isso se tornasse evidente para nós. Nós não temos consciência disso. Nós não temos consciência de por que agora algumas coisas são evidentes para nós. Nós não temos consciência do que tornou isso possível em nós. E é exatamente o que Carrón diz, ao contrário: eu não tenho mais nada a dar a vocês a não ser o meu percurso, para que se torne evidente também para vocês. Porque, ao mesmo tempo, esse convite implica a sua liberdade, e não dá nada por óbvio. Faço você ver os passos para que, se você quiser, possa dá-los também. Então, depois você me conta e, então, veremos. Como método, isso é impressionante. É o método de Deus: mais do que uma resposta certa, interessa mais a Ele que seja uma resposta sua. O que mais interessa a Deus, não é que você tome o caminho certo, o que interessa mais a Ele é que o caminho que você tome seja seu. Porque uma resposta certa, um caminho certo, uma solução certa, sem você, não são seus, você não está ali. Ele joga tudo nisso. Ontem, no encontro que fizemos em Oropa, Nembrini citou uma frase de Dom Giussani que eu nunca tinha ouvido, pelo menos não dita desse modo. Nembrini disse que, numa Assembleia com centenas de pais, num determinado momento uma mulher se levantou chorando, e disse: minha filha foi embora de casa, está vivendo debaixo da ponte, não consigo mais fazê-la voltar para casa. Está completamente desajustada e usa drogas, ela precisa me dizer até que ponto posso deixá-la livre. Qual é o ponto em que devo pará-la, e quando deixá-la arriscar? Nembrini não sabia bem o que responder. Uma freirazinha idosa levantou a mão e disse: olha, eu já estive nessa mesma situação, uma mãe me fez essa pergunta e eu não sabia o que responder porque eu era uma jovem freira. Então, eu disse a ela: olha, conheço um padre, quer vir comigo para conversarmos com ele? E a levou até esse jovem padre, que era Dom Giussani. Aquela mãe contou a ele, chorando, a história da sua filha e Dom Giussani, depois de escutar, se levantou, a abraçou e disse: senhora, Deus ama tanto a nossa liberdade a ponto de conseguir suportar nos colocar no inferno, portanto esse ponto não existe. Ele nos ama tanto a ponto de suportar o fato de poder nos deixar no inferno. É uma coisa desconcertante. E esse ponto, esse limite, não existe. É a radicalização do que você está nos contando. Quer dizer, que o ponto do outro, a coisa mais preciosa do outro, é o caminho dele e que a sua liberdade esteja envolvida. E a única maneira de ajudá-lo, é envolver a nossa liberdade também. De fato, assim que Carrón faz isso, o coração se sente libertado, porque há uma perspectiva, não uma regra.

Posso dizer mais uma coisa? Num outro ponto, Carrón diz: não há outra autoridade fora daquela que o Mistério faz acontecer, porque é ali onde vemos que Cristo vence. Percebi que isso está se tornando o único critério de afeição e de estima pelas pessoas do meu grupo. Conto uma coisa simples. Depois de uma das colocações do último encontro, confesso que comecei a fazer anotações enquanto a reunião continuava, para poder guardar aquilo, que era autoridade para mim, e para poder recuperar depois. É isso o que me torna grata depois de uma reunião, que pode ter sido mais ou menos boa, mas se esse ponto vem à tona, então, tudo bem.

Perfeito, lhe agradeço muito por esse ponto que é conciso e sintético. É isso o que nos é pedido: deixar-nos tocar, deixar-nos comover por Ele que acontece. Essa é a responsabilidade que cada um de vocês tem nos seus grupos, e eu na São José, a responsabilidade que cada um de vocês tem no lugar em que é colocado. A responsabilidade, a autoridade é aquele que é sensível, sensibílimo a reconhecer Ele que acontece, e indicá-Lo a todos. Para isso, não é necessária nenhuma outra capacidade além da pobreza. Quanto mais alguém é incapaz, mais está atento

para ver onde acontece. Quanto mais alguém se sente incapaz e não à altura, mais é facilitado a dizer: olhem para ele, porque eu não sou capaz. Esse “olhem para ele” é a tarefa da autoridade. Porque ele é o primeiro a ser colocado em movimento pelo que está acontecendo e, quando faz isso – porque às vezes se pode dizer alguma coisa, às vezes não –, eu reconheço e vou atrás. E isso se torna a indicação para todos. Exatamente como Carrón faz. Coloca à disposição, compartilha o percurso que ele faz, aquilo para o que olha. E isso acontece nas pessoas mais simples. Em relação a isso, gostaria de ler para vocês um trecho de uma das palestras da verificação, onde Dom Giussani fala sobre quando uma companhia de fato é autoridade. Ele diz: quando ela ensina a rezar. Mas, depois, dá um segundo critério, que é importante para nós. Diz:

“O segundo fator importante para que uma companhia caminhe verdadeiramente para Cristo é a agudeza e a sensibilidade com a qual cada um de nós se deixa tocar por aqueles que na companhia mostram com maior evidência viver a oração, e que mais globalmente dão exemplo de se empenharem com a própria vocação. Até agora, em que vocês prestavam atenção? Se aquele garoto te olhava, se aquela garota estava vestida de um certo jeito, ou então fixavam o olhar na personagem mais importante da escola, nas figuras dos cartazes ou do cinema. Porém, a partir do momento em que começaram a viver a vocação, é preciso educar-se, estar atentos às pessoas que mais demonstram viver esse caminho. Este fator tem uma grandíssima importância. A sensibilidade para com Cristo tem como sintoma a atenção, a admiração e o desejo de imitar pessoas que, na comunidade, percebemos empenhadas com a própria vocação. Uma das coisas que percebo com mais amargura é que as pessoas que dão bom exemplo a mim é como se não existissem para muitos dos seus colegas; ser tocados por um bom exemplo e segui-lo é sinal de que há uma construção séria em nós. Estejam atentos, porque muitas pessoas que eu vi na verificação estão frente à sua vocação como que diante de uma frase abstrata. [...] Não há nada mais injusto que estar em um grupo no qual existe uma pessoa talvez mais tímida que as outras, porém atenta, sensível e generosa para com o que se diz e para com o Senhor e vocês nem se dão conta; pelo contrário, talvez vocês considerem muito mais aqueles que têm um papel, os chefes, ajudando-os assim a distorcerem as próprias tarefas. Porque, se uma pessoa é estimada e honrada por ser um chefe, é estimulada a fazer as coisas como “chefe”, quer dizer, de modo impuro”.

Eu quis retomar essa observação de Dom Gius aos jovens, porque essa é exatamente a essência da responsabilidade. O que nos interessa é nos colocarmos em caminho seguindo quem reconhecemos ser um bem para nós. Mas é preciso educar essa sensibilidade. Educar a estar atentos a essas pessoas, não a quem nos dá razões, muitas vezes. Estou dizendo coisas que são para mim!

Rezemos juntos o Memorare, e peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a iniciar esta semana. Convido-os a participar do Tríduo do CLU. Saibam que o livreto com os textos e os cantos, é um livreto “sagrado”. No sentido de que Dom Giussani o construiu no decorrer dos anos. Dom Pino me disse que durante anos, em cada preparação da Via Sacra, Dom Giussani esparramava na mesa todas as colocações, as músicas, as Laudes, as poesias e, depois, escolhia. Até que um ano, disse: agora está perfeito. É isso. E nunca mais ele foi mudado. Então, o percurso do Tríduo da Semana Santa é a essência do carisma, por isso vivamo-lo com a graça que nos foi concedida.

(Texto não revidado pelo autor)